

A Condição de Trabalho dos Taxistas

Análise crítica do filme “Taxistas” (2014)

Karoline Oliveira Degan



O vídeo “Taxistas” (Projeto Cine Trabalho, 23min) mostra o depoimento de três taxistas da cidade de Marília: Marcos (ex-caminhoneiro) natural de Marília (SP); Edvaldo (ex-metalúrgico) que também nasceu em Marília (SP), mas foi para São Paulo quando adolescente por falta de emprego na cidade; e João (ex-comerciante) que veio de Adamantina (SP). Neste vídeo os três expõem os motivos que os levaram a escolher esse trabalho e quais as condições deste.

Cine Trabalho

Os três iniciam o vídeo falando que se tornaram taxistas após se aposentarem nos seus empregos anteriores. Edvaldo diz que trabalhou como metalúrgico em apenas duas fábricas em 36 anos, a última delas, a Ford, onde trabalhou por 12 anos e foi demitido com o corte no quadro dos funcionários já aposentados. João que possuía uma loja de redistribuição de água diz que com o passar do tempo a concorrência foi aumentando, e também aos poucos sua família foi se distanciando do comércio até que no final ficaram apenas ele e sua esposa responsáveis pela loja, por esses motivos os dois decidiram se aposentar, e depois de vender o comércio João, que aponta a questão de sua idade avançada como fator dificultante para conseguir outro emprego, decide ser taxista. Marcos relata que trabalhou como caminhoneiro por ser uma “herança” de família, uma vez que seu pai também tinha sido caminhoneiro, após trinta anos de trabalho Marcos vende seu caminhão e em seguida se aposenta, depois disso começa a trabalhar como taxista.

Embora com trajetórias diferentes o principal motivo em comum aos três taxistas, que os levou a se reinserir no mercado de trabalho após já estarem aposentados de seus antigos empregos, foi a complementação da renda, pois está se mostrando insuficiente para manutenção de seus padrões de vida anterior. O que é explicitado na fala de João: “atualmente, dificilmente o trabalhador brasileiro vai conseguir sobreviver com a aposentadoria”, ou na fala de Edivaldo: “entrei no taxi após a aposentadoria, como um complemento da renda porque depois que a gente aposenta é que aparece mais gasto ainda”. O ex-caminhoneiro Marcos pontua outro aspecto da insuficiência da aposentadoria que é sua defasagem com o tempo: “É para complementar a aposentadoria, por que aqui em Marília taxi não dá muito dinheiro... aposentei com 54 anos, e eu pagava cinco salários e me aposentei com dois e meio, já cortaram a metade do meu salário do que eu pagava, e depois que eu aposentei já perdi mais 10...12%, por que todo ano o salário mínimo sobe. Por exemplo no começo desse ano, o salário mínimo subiu quase 10% e o salário do aposentado que ganha mais que 1 salário mínimo subiu 6,4 parece, então sua aposentadoria vai sempre defasando”

Outro fator apresentado para se voltar ao trabalho foi a necessidade de evitar o “ocioso”, ou ficar muito tempo em casa. Marcos, ex-caminhoneiro aponta que “uma pessoa como eu que é acostumada a viajar a vida inteira fica em casa sem fazer nada?”

Cine Trabalho

então compensa trabalhar no táxi”. João diz “ um dos fatores [de ter se tornado taxista] seria para não ficar parado, porque o tempo passa, você acaba ficando ocioso demais e acaba até ficando doente”. Edvaldo também acrescenta possíveis problemas de alcoolismo que o ócio poderia gerar: “ a gente fica em casa ocioso, a gente se sente inútil, porque a gente é acostumado a trabalhar 25, 30 anos de repente você para, fica em casa, a mulher tem o que fazer o dia inteiro, a gente não tem. Se você é um cara viciado... álcool, alguma coisa, o que você vai fazer? Você vai pro boteco...”

Sobre as condições de trabalho dessa profissão, os taxistas apontam que uma das vantagens é que “você faz seu horário” e “não tem patrão pegando no seu pé”. Contudo, a vantagem de “fazer seu próprio horário” também aparece como uma desvantagem, pois pode levar a jornadas extremamente longas, e um encurtamento dos momentos de lazer, como diz Edvaldo, “para se manter uma qualidade de vida, aqui em Marília no taxi, você tem que se programar, entendeu, por exemplo, domingo eu não trabalho, sábado... ligou, ‘olha desculpa mas eu não posso ir’, o ponto chave disso aqui é ser honesto com a pessoa... ‘ó, não da pra mim ir porque vou viajar, passear...’ porque se você for ficar a mercê só do trabalho você fica 24 horas aqui dentro do taxi, você não participa de família, não participa de uma festa, nada ... é o caso de alguns taxistas aqui de Marília”, a dificuldade com a falta de horários fixos também se apresenta na fala de João “... se você não estipular um tempo pra você, pra família, pros filhos, você não consegue... você não tem tempo, você fica muito sem conviver com a família”. Os horários flexíveis implicam também horários de descanso e alimentação não regulado, como aponta Marcos, “ eu costumo almoçar 11 horas, mas, por exemplo, hoje já não deu”.

Mais um elemento da condição de trabalho do taxista é a imprevisibilidade, como exposto por Marcos, uma vez que no começo do dia não se sabe quais as “corridas” que serão feitas, também não se sabe qual a duração delas, pois ao mesmo tempo em que se pode ficar muito tempo parado em um lugar e ter a sorte de encontrar alguém que quer uma viagem longa, também pode não aparecer ninguém, ou fazer uma “corrida” muito curta. A imprevisibilidade do trabalho do taxista também implica na oscilação de sua remuneração no final do mês.

Cine Trabalho

Uma das adversidades do trabalho, segundo os motoristas de táxi, é a exposição que estes têm a assaltos. Edvaldo declara que seu táxi já foi assaltado duas vezes, a primeira levaram o notebook do passageiro, a segunda foi em “ 8 de setembro de 2008, na hora que ele entrou no carro, você tem aquela sensação de que é de coisa ruim.. já anunciou o assalto, mas também não aconteceu nada pior né, graças a deus, levou só o dinheiro, daí pra cá você fica com aquele trauma né, na hora que eu vi um motoqueiro que encostar perto de mim, já vou pesar que vou ser assaltado” isso ocorreu com Edvaldo em São Paulo, e foi um dos motivos dele ter voltado para Marília. Marcos diz que já viu um taxista ser assaltado após ser abordado por um casal, de modo que “ninguém ta escrito que é bandido ou não”.

Para analisar essa condição de trabalho taxista pode ser usado o texto *A condição de proletariedade: esboço de uma análise existencial da classe do proletariado*. Segundo os autores desse artigo a classe social só se constitui em sentido pleno quando os membros dessa classe “se indignam, resistem individual ou coletivamente, ou ainda, organizam-se e lutam” (ALVES; SELEGRIN, 2011, p.73). Isto ocorre pois há uma diferença entre classe social do proletariado e a condição de proletariedade. A condição de proletariedade é a desposseção objetiva (e subjetiva) dos meios de produção da vida social:

O ser “proletariado”, no sentido fraco da palavra, diz respeito a uma *condição objetiva de existência* (ou “condição de proletariedade”) cujos atributos existenciais tendem a se tornarem, sob a sociedade burguesa, atributos universais das individualidades pessoais de classe. O ser proletariado pode dizer respeito também a uma classe social no sentido pleno de *sujeito histórico-coletivo*, com maior ou menor efetivação (o que exige outras mediações concretas como instituições sociais, políticas ou culturais capazes de produzir um tipo específico de consciência social: a consciência de classe). (ALVES; SELEGRIN, 2011, p.80)

Contudo, há ainda aqueles que se encontram em uma posição intermediária, embora esteja em certa medida em uma condição de proletariedade, ainda são homens e mulheres subalternos, mesmo que a posse leve a obstáculos a formação de uma consciência de classe, como é o caso dos trabalhadores autônomos, que aparentemente são proprietários dos meios de produção.

Cine Trabalho

Desse modo os motoristas de táxi também estão inseridos nessa condição de proletariedade, pois, embora sejam proprietários do seu meio de trabalho (o carro) ainda o fazem por uma necessidade de manutenção de sua condição de vida, e enfrentam no seu cotidiano as más condições de trabalho, mesmo que não esteja trabalhando diretamente para um patrão.

Referencias

ALVES, Giovanni; SELEGRIN, Esdras. A condição de proletariedade: esboço de uma analítica existencial da classe do proletariado. **Dossiê: Classes sociais e transformações no mundo do trabalho**, v. 16, n. 1. p.71-90, 2011.